

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

2º Semestre de 2022

Disciplina: FIL0003 – Turma 1

Filosofia Contemporânea – Diurno

Terças e quintas das 10 às 12hs

Sala: PJC BT 100

Prof. Dr. Fábio Mascarenhas Nolasco

Contato: fabio.nolasco@unb.br

Introdução ao texto e ao contexto da *Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer

No calor dos anos conturbados que a Alemanha viveu há aproximadamente cem anos atrás, quando notáveis agitações sociais levaram ao fim do Segundo Reich, à capitulação da Alemanha na Primeira Guerra e à instauração da República de Weimar, formou-se uma geração de intelectuais – Rosa Luxemburgo, Franz Rosenzweig, Ernst Bloch, György Lukács, Walter Benjamin, Martin Buber, Gershom Scholem, Leo Strauss, Martin Heidegger, Hanna Arendt, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Hans Jonas, para citar apenas os saltam mais facilmente à memória – que relegaram ao debate contemporâneo instrumentos de análise, conceitos, teorias, ainda hoje intensamente pesquisados em virtude da sua pertinência, ou melhor, da impertinente teimosia com que continuam a servir de parâmetro para o estudo e explicação dos fatos correntes.

A qualidade e pertinência de tão importante produção intelectual se arvora, como é notório, na intensidade e extensão dos debates do cenário universitário alemão depois da morte de Hegel, em particular na produção crítica dos *hegelianos de esquerda* (Eduard Gans, Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer, David Strauss, Karl Marx, Friedrich Engels, Max Stirner, Søren Kierkegaard), mas também fortemente na produção epistemológica das fases mais tardias do *neokantismo* (Friedrich Albert Lange, Hermann Cohen, Wilhelm Windelband, Wilhelm Dilthey, Edmund Husserl, Max Weber, Hans Kelsen et al.).

Em face de tal contexto de importantes debates críticos e epistemológicos, a geração que se formou sob o calor dos anos vinte do século passado na Alemanha não tinha mais as desculpas e álbis que a geração de Feuerbach e Marx ainda podia utilizar para explicar por que

fora pega tão desprevenida com o retumbante fracasso dos acontecimentos revolucionários que eclodiram em 1848. Amparada, portanto, no *18 Brumário de Luís Bonaparte*, essa geração pôde reconhecer com nitidez como se repetiam, nos acontecimentos de 1918-21, algumas estruturas (ou a falta delas), alguns impasses e bloqueios que marcaram os fatos de 1848-51 – o que se registra, por exemplo, num dos livros mais célebres da época, *História e consciência de classe*, de Lukács, de 1923.

A *Dialética do esclarecimento*, que Adorno e Horkheimer publicaram em 1947 e que será nosso texto-base no presente curso, apresenta-nos certo tipo de um primeiro balanço e acerto de contas geral dessa geração de 1920 com a experiência histórica acumulada desde os acontecimentos de 1918-21, o ocaso da República de Weimar, a ditadura nazifascista, a Segunda guerra mundial e o Holocausto. Outras obras de equivalente valor sinóptico vieram em seguida, como as palestras de Heidegger sobre *A questão da técnica*, de 1950; as influentes obras de Hanna Arendt, *As origens do totalitarismo*, de 1951, e *A condição humana*, de 1958; *Eros e civilização*, de 1955, bem como *O homem unidimensional*, de 1964, ambos de Marcuse; e a análise crítica de Habermas em *Técnica e Ciência como 'ideologia'*, de 1969. Os nexos e conflitos entre essas obras formam, sem dúvida, uma constelação filosófica bastante particular, e que deixou marcas profundas na formação do debate contemporâneo.

Sem pretender, naturalmente, referir essas obras posteriores de maneira exclusiva à *Dialética do esclarecimento*, a proposta geral deste curso consistirá em:

- buscar, mediante leitura e análise detalhada do primeiro capítulo da *Dialética do esclarecimento*, estabelecer um ponto de partida paradigmático, via de acesso ou introdução à ampla constelação de reflexões filosóficas do pós-guerra acerca do vínculo funesto do esclarecimento com a barbárie.

Em tempos como os nossos, de novo marcados por guerras, desarticulação e destruição institucional, autoritarismo; ameaças sociais, políticas, globais e planetárias que guardam analogias elucidativas com os fatos de um século atrás – a despeito da gigantesca diferença nas magnitudes, para nosso prejuízo; em dias como estes, vale a pena se lembrar das lições relegadas por quem se formou no calor daquele período: a abstrata surpresa e a cega estupefação (os correlatos contemporâneos e massificados da *thaumázein* grega) em face do presente poderão, por meio dessa lembrança e comparação, ser convertidos não apenas em mais conhecimento, em sentido abstrato, mas de maneira concreta nos sentimentos precisos do horror e da indignação – para que a catástrofe não se repita.

Detalhamento/Roteiro do curso

O primeiro capítulo da *Dialética do esclarecimento*, intitulado *O conceito do esclarecimento*, será nosso ponto de partida porque nele Adorno e Horkheimer sintetizam, em poucas frases de difícil conexão, algumas conclusões fundamentais dos projetos de análise crítico-epistemológica que cada um vinha executando desde o fim dos anos vinte e especialmente durante a década de trinta: Adorno vinha há muito tempo se aprofundando na leitura crítica da epistemologia de Husserl, e Horkheimer por seu turno publicara longos artigos, verdadeiras monografias, sobre o neopositivismo lógico da Escola de Viena.

O resultado do entrelaçamento desses dois projetos, tal como se cristaliza nos primeiros cinco parágrafos do texto, pode ser talvez assim formulado: se a crítica de Husserl ao formalismo lógico servia para caracterizar o neopositivismo como paroxismo técnico, era preciso, por outro lado, dar uma volta dialética em Husserl, de modo a denunciar o caráter ilusório da sua pretensão por salvar a *crise das ciências europeias* mediante a *reminiscência* (*Selbstbesinnung*) do sentido original da lógica, verdadeiro fundamento – que se pode encontrar no Platão interpretado à luz de Paul Natorp e Nicolai Hartmann; se Heidegger, por seu turno, parece ter seu grão de razão ao dizer que a história do esclarecimento ocidental é a história da alienação, digo, a história do esquecimento da pergunta pelo ser, será preciso, porém, igualmente, dar uma volta dialética em Heidegger, de modo a denunciar a ilusão destilada na ideia de que na filosofia pré-socrática, ou no fundo existencial do *mythos*, encontrar-se-ia o destino, a origem, da pergunta pelo ser.

Esse dar “voltas dialéticas” nas críticas de Husserl e Heidegger evoca, certamente, as reflexões de Walter Benjamin sobre o conceito da origem, expostas no prefácio à *Origem do drama barroco alemão* (texto produzido em 1924/25). Elas dão claro sinal, também, da presença cada vez mais significativa da filosofia de Hegel naquele contexto em que a nova geração se esforçava no sentido de superar os limites estreitos do neokantismo. Mas essa visada hegeliana, que auxilia a caracterizar o esclarecimento como dissolução das qualidades das coisas em relações quantitativas, será por Adorno e Horkheimer (via Benjamin) deveras ampliada, particularmente mediante o influxo de novas e revolucionárias descobertas filológicas (Werner Jaeger), antropológicas (Marcel Mauss) e psicológicas (Freud). E essa busca por ir além de Hegel atravessa como um dardo toda a história da filosofia contemporânea até os dias atuais.

Tal horizonte filosófico deveras ampliado pela filologia, pela antropologia e pela psicanálise, permitirá olhar mais afundo na pré-história da formação do sujeito, cujo nascimento Hegel, em sua insuperável miopia, identificava em Platão e Aristóteles. Freud, por sua vez, em *Moisés e o monoteísmo* (1939), pretendia ter encontrado indícios desse sujeito em formação já no Egito à época de Moisés – mas ainda assim a subjetividade restava associada ao processo de auto-suspensão da mitologia em *monoteísmo*, como se ela fosse um processo de separação entre mitologia e religião, tal como, na época, defendia E. Cassirer. Adorno e Horkheimer, por outro lado, vão explorar na Odisseia os passos nítidos da história mitológica da formação do sujeito do esclarecimento grego. Eles buscam, assim, os registros desse sujeito em pleno exercício já propriamente no seio da mitologia politeísta.

De tal alargamento gigantesco de fronteiras da subjetividade moderna e do esclarecimento resulta que o outro da razão não há de ser mais entendido como o mito, tal como se pensou de Thales de Mileto até Heidegger – pois o mito, tal como o esclarecimento, já pressupõe a unidade do sujeito e a correlata unidade da natureza. Agora a razão será contraposta, então, à magia/xamanismo. De maneira alguma porque o xamã não seja racional. Mas apenas porque ele é racional de uma maneira radicalmente diferente. A razão do xamanismo – que Levi Strauss irá chamar de “ciência do concreto” – não pressupõe um sujeito universal, tampouco uma natureza universal, mas trabalha com a regionalidade dos conceitos e sistemas classificatórios, sem que com isso lhe seja subtraído em qualquer grau o uso da racionalidade, bem entendida. “A feitiçaria está, como a ciência, atrás de objetivos, mas ela os persegue por mimesis e não em distância cada vez maior ao objeto.” (Adorno e Horkheimer, 1988, p. 17). O xamã pode mimetizar a natureza, ele enxerga as afinidades eletivas entre as coisas, bem como entre as palavras e as coisas, porque definitivamente não parte do pressuposto da superioridade

do pensamento sobre as coisas. Uma “superestimação das ocorrências anímicas em face da realidade não pode ocorrer lá onde pensamentos e realidade não estão radicalmente separados” (id.ibid.).

Devidamente imunizados pelas lições da dialética de Hegel e Marx, na ciência concreta dos xamãs Adorno e Horkheimer vão encontrar definitivamente não o grande *alter* da razão, no sentido tradicional de ausência de razão (o selvagem, a natureza, o místico etc.); nem tampouco mais um original, ou talvez mais um novo candidato para fundo verdadeiro da razão num sentido universal meio romântico ou *hippie*. De uma maneira mais determinada e precisa, eles encontram o outro de toda razão que pretende se impor tiranicamente como universal. Essa descoberta, que podemos chamar de a descoberta das razões do xamanismo, oferece então não um original, mas uma alternativa – e talvez um alívio, senão um alibi – para o esclarecimento. Há factualmente muitos bons exemplos da razão humana em exercício concreto a oferecer diversos modelos históricos e geográficos de resistência ao processo de liquidação generalizado que o capitalismo (esse terrível sujeito abstrato que vampiriza concretamente todas as subjetividades efetivas) implementa.

Metodologia

No percurso acima forneci um panorama geral do contexto teórico em que se insere a *Dialética do esclarecimento*. Esse panorama será desdobrado em maior detalhe nas primeiras 4 semanas do curso, em aulas expositivas introdutórias acerca dos seguintes temas:

- (1) os debates filosóficos em Berlim depois da morte de Hegel até os acontecimentos revolucionários de 1848;
Referência bibliográfica: Hegel, 2021; Marx, 2011; Löwith, 2016; Habermas, 2000.
- (2) a vanguarda do neokantismo e a crítica ao positivismo;
Referência bibliográfica: Husserl, 2019; Schnädelbach, 1991.
- (3) ressurgimento e crítica da filosofia de Hegel em contexto com os acontecimentos revolucionários de 1918-21;
Referência bibliográfica: Lukács, 2003, Löwy, 2012; Loureiro, 2020; Aarão Reis, 2003.

Durante as doze semanas seguintes as aulas serão dedicadas à leitura e análise de texto da *Dialética do esclarecimento*, em especial seu primeiro capítulo: *O conceito de esclarecimento*. Essa leitura tão lenta e cuidadosa se faz necessária em virtude do estilo fragmentário, rapsódico, muitas vezes obscuro do texto que temos mãos, o qual precisa ser, antes mesmo de lido ou analisado, decifrado. Acontece que o deciframento desse texto em particular obriga que, ao mergulharmos cada vez mais fundo nas estruturas e razões do texto, sejamos cada vez mais expulsos para fora dele, em direção ao contexto ou ambiente teórico – que muitas vezes é quem dá sentido ao próprio texto. Sendo assim, ao longo desse esforço decifrativo-interpretativo do texto será necessário abrir espaço, mesmo que de maneira indicativa, para o tratamento de temas como:

- (1) A escala neokantiana das formas simbólicas: mito, religião e esclarecimento
Referência bibliográfica: Cassirer, 2004.
- (2) A questão da essência da técnica em Heidegger
Referência bibliográfica: Heidegger, 2007.
- (3) Teoria da tradução e conceito de origem em Walter Benjamin
Referência bibliográfica: Benjamin, 2011; Gagnebin, 2011, 2014.
- (4) Pré-história do “sujeito moderno” ou do “pensamento positivo”
Referência bibliográfica: Freud, 2018; Vernant, 1990; Gagnebin, 2006; Lopes, 2011.
- (5) Magia e xamanismo
Referência bibliográfica: Mauss, 2003; Levi-Strauss, 2011; Kopenawa e Albert, 2015; Viveiros de Castro, 2002, Löwy, 2021.

Projeto Pedagógico Complementar

Até meados de dezembro, cada discente deverá escolher um único texto dentre os títulos e autores referidos neste Plano de Curso, e esse texto servirá de base à *Prática Pedagógico-Complementar*. O PPC consiste num projeto subjetivo e pessoal de leitura e análise de um texto pertencente à constelação temática do nosso curso, com o objetivo de traçar, até o início do mês de fevereiro, os esboços de um plano de aula sobre a temática em questão, que serão então entregues por email. O professor e o/a monitor/a auxiliarão na orientação dos PPCs. Convidam-se os e as discentes a gravarem, ao final, suas aulas e as compartilhar digitalmente com o professor e demais colegas, a bem do debate e formação conjunta – mas isso não é obrigatório.

Avaliação

Até o início do mês de janeiro divulgarei, com base no conteúdo visto até ali ao longo do curso, a formulação da tarefa avaliativa. No que concerne à sua forma, pode-se antecipar que ela consistirá na elaboração de uma redação filosófica que poderia ter cunho mais ensaístico, visando-se, p.ex., a selecionar e apresentar alguns conceitos do primeiro capítulo da *Dialética do esclarecimento* e em seguida relacioná-los com conceitos de alguma outra obra da constelação temática do curso; ou cunho mais interpretativo, em que se buscaria explicar em detalhe alguns pontos da articulação argumentativa do texto lido em sala de aula.

Em ambos os casos, percebe-se naturalmente, a elaboração cuidadosa do PPC certamente servirá como preparação e amparo à confecção da redação filosófica, bem como a participação ativa nas aulas poderá sanar as dúvidas que surgirem ao longo do PPC. Disso se pode concluir que cada discente se dedicará paralelamente a pelo menos dois textos: as partes iniciais do primeiro capítulo da *Dialética do esclarecimento*, a serem lidas e discutidas em sala de aula às segundas e quartas; um outro texto (artigo ou capítulo de livro) da própria escolha da/o discente, a ser estudado às sextas. Espera-se que essas leituras paralelas possam se retroalimentar e de certa forma convergir (mesmo que por contradição) até o fim do curso.

Bibliografia fundamental:

ADORNO, T., HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*, tradução de Guido Antônio de Almeida, Zahar, Rio de Janeiro, 1985

Bibliografia secundária:

AARÃO REIS, D., *As revoluções russas e o socialismo soviético*, Ed. Unesp, São Paulo, 2003

ARANTES, P., *Formação e Desconstrução, Uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*, Editora 34, São Paulo, 2011

ARENDRT, H., *A vita activa e a modernidade*, in: *A condição humana*. 13ª ed. rev., trad. R. Raposo e rev. téc. A. Correia Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2016, pp. 216-312

BADIOU, A., *A aventura da filosofia francesa no século XX*, Autêntica, Belo Horizonte, 2015

BENJAMIN, W., *Sobre a linguagem em geral e a língua humana*, in: *Escritos sobre mito e linguagem*, tradução de Susana K. Lages e Ernani Chaves, Editora 34, São Paulo, 2011

CASSIRER, E., *A dialética da consciência mítica*, in: *Filosofia das formas simbólicas*, vol. 2, Martins Fontes, São Paulo, 2004

FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, Martins Fontes, São Paulo, 2016

FREUD, S., *Moisés e o monoteísmo*, Cia das Letras, São Paulo, 2018

GAGNEBIN, J. M., *Homero e a Dialética do Esclarecimento*, in: *Lembrar escrever esquecer*, Editora 34, São Paulo, 2006

- _____, Mito e culpa nos escritos de juventude de Walter Benjamin, in: Limiar, aura e lembrança, Editora 34, São Paulo, 2014
- _____, Origem, Original, Tradução, in: História e Narração em Walter Benjamin, Perspectiva, São Paulo, 2011
- HABERMAS, J., O discurso filosófico da modernidade, Martins Fontes, São Paulo, 2000
- _____, Técnica e Ciência como “ideologia”, Editora Unesp: São Paulo, 2014
- HEGEL, G.W.F., Linhas fundamentais da filosofia do direito, trad. Marcos Müller, Editora 34, São Paulo, 2021.
- HEIDEGGER, M., “A questão da técnica”, traduzido por Marco Aurélio Werle in: Revista Scientia Studia, 2007
- HUSSERL, E., Meditações cartesianas, Tradução apresentação e notas de Fábio Nolasco, Edipro, São Paulo, 2019
- JAEGER, W., O pensamento filosófico e a descoberta do cosmo, in: Paideia, Martins Fontes, São Paulo, 2003, pp. 190-229
- KOPENAWA, D., ALBERT, B., A queda do céu, palavras de um xamã yanomami, Tradução de Beatriz Perrone-Moisés, Cia das Letras, São Paulo, 2015
- KRENAK, A., A vida não é útil, Cia das Letras, São Paulo, 2020
- LÉVI-STRAUSS, C., A ciência do concreto, in: O pensamento selvagem, Papirus: Campinas, 2011, p. 15-50
- LEVI, P., É isto um homem? Tradução de Luigi del Re, Rocco, Rio de Janeiro, 1988
- LOPES, N., Dicionário da antiguidade africana, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2011
- LOUREIRO, Isabel, A Revolução alemã (1918-1923), 2ª ed. Revisada, São Paulo: Ed. Unesp, 2020
- LÖWTH, K., De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX, Editora Unesp, São Paulo, 2014
- LÖWY, M., Judeus heterodoxos: Messianismo, Romantismo e Utopia, Perspectiva, São Paulo, 2012
- _____, SAYRE, R., Naomi Klein, guerreira climática do século XXI, in: Anticapitalismo romântico e natureza – O jardim encantado, Editora Unesp, São Paulo, 2021
- LUKÁCS, G., História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista, Martins Fontes, São Paulo, 2003
- MARCUSE, H., Do pensamento negativo para o positivo: racionalidade tecnológica e a lógica da dominação, in: A ideologia da sociedade industrial, Zahar, Rio de Janeiro, 1974, pp. 142-166
- MARX, K., O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Boitempo, São Paulo, 2011
- MAUSS, M., Esboço de uma teoria geral da magia, in: Sociologia e antropologia, Cosac Naify, São Paulo, 2003, pp. 47-182
- MBEMBE, A., Crítica da razão negra, n-1, São Paulo, 2018
- MÜLLER, M. L., Sartre e a Crise do Fundamento. Dois Pontos (UFPR), v. 3, p. 11-28, 2006.

- _____, M., Epistemologia e Dialética. In: Cadernos de História e Filosofia da Ciência, Campinas, v. 2, p. 5-30, 1981.
- SAFATLE, V., Dar corpo ao impossível, O sentido da dialética a partir de Theodor Adorno, Autêntica, Belo Horizonte, 2019
- SCHNÄDELBACH, H., Philosophie in Deutschland (1831-1933), Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1983
- _____, Filosofia en alemânia (1831-1933), Cátedra, Madri, 1991
- VERNANT, J.P., A formação do pensamento positivo na Grécia arcaica, in: Mito e Pensamento entre os gregos, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1990
- VIVEIROS DE CASTRO, E., Metafísicas Canibais. Elementos para uma antropologia pós-estrutural, n-1 edições, São Paulo, 2015
- _____, E., O mármore e a murta, in: A inconstância da alma selvagem, São Paulo: Cosac Naify, 2002
- WISNIK, J. M., A maquinação do mundo, Drummond e a mineração, Cia das Letras, São Paulo, 2018